

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
BACHARELADO EM SAÚDE COLETIVA

CARTAS À ESCOLA RIO BRANCO: VIVÊNCIAS DE UMA SANITARISTA

Alice da Fontoura Gil

Porto Alegre – RS

2020

Alice da Fontoura Gil

**CARTAS À ESCOLA RIO BRANCO: VIVÊNCIAS DE UMA
SANITARISTA**

**Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharelado em Saúde
Coletiva da Universidade Federal do Rio Grande do Sul,
apresentado como requisito parcial para a obtenção do
título de Bacharel em Saúde Coletiva.**

Orientador (a): Stela Nazareth Meneghel

Porto Alegre – RS

2020

RESUMO

O presente artigo relata uma experiência de estágio curricular do Bacharelado de Saúde Coletiva realizado em escola noturna de ensino médio localizada na cidade de Porto Alegre. A estagiária assumiu o papel do educador, enquanto profissional que contribui para a aquisição de comportamento crítico sobre um tema, no caso a promoção e educação à saúde, no campo da saúde coletiva. O objetivo do trabalho em sala de aula foi o de estimular a reflexão e discussão de questões referentes à promoção e educação em saúde. Durante o estágio, a autora escreveu cartas à escola que serão apresentadas neste texto como produção de campo. A inserção de bacharéis de saúde coletiva em atividades de ensino em escolas constitui uma perspectiva ampliada de atuação de sanitaristas. A atuação no estágio proporcionou aos estudantes da escola recursos para entender e transformar as condições de suas vidas, visando entender a saúde como um direito socialmente conquistado, a partir da atuação individual e coletiva de sujeitos político-sociais, capacitando-os para intervirem em contextos de incertezas e complexidades.

RESUMEM

Cartas a la escuela Río Branco: experiencias de una estudiante de salud pública

Este artículo reporta una experiencia de pasantía de una estudiante del Bachillerato en Salud Pública en una escuela nocturna de segundo grado ubicada en la ciudad de Porto Alegre. La estudiante de salud pública asumió el papel de educadora, como una profesional que contribuye a la adquisición de comportamientos críticos sobre un tema, en este caso la promoción de la salud y la educación, en el campo de la salud pública. El propósito del trabajo en clase era estimular la reflexión y la discusión de temas relacionados con la promoción de la salud y la educación. Durante la pasantía, la autora escribió cartas a la escuela que se presentarán en este texto como producción de campo. La inserción de los licenciados en salud pública en las actividades de enseñanza en escuelas constituye una perspectiva ampliada de actuación de los trabajadores de salud pública. El desempeño en la pasantía proporcionó a los estudiantes de la escuela recursos para comprender y transformar las condiciones de sus vidas, con el objetivo de entender la salud como un derecho socialmente conquistado, como acción individual y colectiva de sujetos político-sociales, permitiéndoles intervenir en contextos de incertidumbres y complejidades.

ABSTRACT

Letters to Rio Branco School: experiences of a public health student

This article reports an experience of a curricular stage of the Bachelor of Public Health held on a night shift in a school located in the city of Porto Alegre. The public health student assumed the role of the educator, as a professional who contributes to the acquisition of critical behavior on a topic, in this case health promotion and education, in the field of public health. The purpose of the work in the classroom was to stimulate the reflection and discussion of issues related to health promotion and education. During the internship, the author wrote letters to the school that will be presented in this text as field production. The insertion of public health bachelors in schools teaching activities constitutes an expanded perspective of the work of public health professionals. The performance in the internship provided resources for the students to understand and transform the conditions of their lives, aiming to achieve health as a socially achieved right, based on the individual and collective performance of political-social subjects, enabling them to intervene in contexts of uncertainties and complexities.

INTRODUÇÃO

O bacharelado em Saúde Coletiva surge na UFRGS, em 2008, como uma proposta de contribuir para a definição de uma formação inovadora, fundamentalmente contemporânea, de habilitação de profissionais da área da saúde ou com forte atuação desta área de conhecimento no âmbito intersetorial.

Um dos objetivos do curso é de formar sanitaristas para atuarem, direta ou indiretamente, pela promoção, vigilância e educação da saúde, individual e coletiva, garantindo atenção integral à saúde da população.

De acordo com Madel Luz (2007), a saúde Coletiva é compreendida como um campo de saberes e práticas que toma como objeto as necessidades sociais de saúde, com intuito de construir possibilidades interpretativas e explicativas dos fenômenos relativos ao processo saúde-doença.

No contexto escolar, o Bacharel em Saúde Coletiva pode contribuir em relação à informação, discussão, debate e adoção de práticas que promovam a saúde e o bem viver, fornecendo subsídios aos estudantes para uma melhor compreensão do que seja saúde e de como atuar em prol da manutenção da mesma. O egresso do curso de Saúde Coletiva pode ser um promotor de saúde e facilitador de atividades educativas individuais e grupais, contribuindo para a aquisição de pensamento crítico e problematizador em relação ao campo da Saúde.

A realização de estágios em escolas de ensino médio de alunos do Bacharelado de Saúde Coletiva constituiu um avanço em termos de possibilidades de atuação destes profissionais, e um desafio na medida em que propôs contribuir para uma reflexão crítica e problematizadora da realidade, principalmente no âmbito das questões de saúde. A fundamentação pedagógica foi pautada nos moldes freireanos (FREIRE,1996).

A promoção e educação em saúde é um campo da Saúde Coletiva que, diferente da prevenção, é entendida, como processo de capacitação da comunidade para atuar na melhora da qualidade de vida e saúde, incluindo a criação de ambientes favoráveis, construção de novas parcerias e o entendimento da violência como desafio a ser superado.

No Brasil, historicamente a formação em saúde coletiva ocorria como uma especialização para graduados da área da saúde. Nos últimos dez anos iniciou um processo de formação de sanitaristas na graduação, por meio de cursos de bacharelado de Saúde Coletiva. Dentre as atividades específicas de sanitaristas destacam-se a análise

epidemiológica da situação de saúde de grupos e populações, a formulação e avaliação de políticas de saúde e a elaboração e desenvolvimento de intervenções de promoção à saúde.

Assim, fazem parte da formação de sanitaristas a realização de atividades de educação e promoção em saúde em serviços de saúde, mas também em organizações comunitárias e escolas. O bacharel em Saúde Coletiva, no espaço da sala de aula, pode contribuir fornecendo informações no campo da saúde, mas também estimulando a discussão, o debate e a adoção de práticas que contribuam para a saúde e qualidade de vida dos estudantes e outras pessoas do ambiente escolar, assim como das famílias.

Esta foi uma primeira experiência de realização de estágio do Bacharelado de Saúde Coletiva em escola de ensino médio. Os estágios veiculam informações e conteúdos referentes a temas que afetam aos dois grupos como o acesso à universidade pública e ao programa de ações afirmativas. A UFRGS é uma das universidades públicas brasileiras que aderiu à política de ações afirmativas, além de apoiar cursinhos pré-vestibulares populares que beneficiam estudantes de baixa renda nos quais estudantes de licenciaturas e da pós-graduação da Universidade participam como docentes (UFRGS, 2019).

A aproximação entre estudantes de graduação e estudantes do ensino médio e fundamental tem sido cada vez mais uma preocupação e um desafio entre as instituições. Na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, o projeto “Interação Universidade Escola...” possibilitou o contato com pesquisas em diferentes áreas de ensino, a vivência de novas propostas metodológicas e o amadurecimento de práticas de ensino. Foram produzidos materiais pedagógicos e a parceria possibilitou discutir e divulgar os saberes no âmbito da interação entre a Universidade e a Escola. Esta aproximação enriquece a ambas, na medida em que promove a troca de saberes e ações entre uma entidade que reelabora e difunde o conhecimento socialmente produzido e outra que habilita profissionais para o exercício competente dessa função (GOMES, 2015).

A experiência que aqui relatamos foi considerada como de grande potência para os alunos de ambas as instituições. Este é um relato de experiência de uma aluna do curso de Bacharelado em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio Grande do Sul durante o desenvolvimento das atividades do estágio curricular obrigatório no Instituto Estadual Rio Branco.

No momento do estágio, a escola se defrontava com uma situação de absenteísmo ou falta de professores, desta forma a participação da estagiária também contribuiu para suprir faltas ou ausências temporárias de professores. Durante o estágio, foram desenvolvidas atividades em algumas disciplinas constantes da grade curricular da escola.

Foram duas disciplinas: Religião e Seminários Integrados. Havendo turnos para o preparo das atividades e leitura de trabalhos de alunos. O estágio aconteceu no segundo semestre de 2016, totalizando 309 horas.

A proposta para a disciplina de Seminário Integrado visou a discussão crítica de temas referentes à sexualidade, trabalhando com conceitos-chave, divididos em tópicos e objetivos de aprendizagem. Nesse itinerário discutiu-se a organização generificada da sociedade e as desigualdades oriundas do sistema sexo/gênero. Esta disciplina visava oferecer aos alunos a oportunidade de explorar valores, atitudes e condutas referentes à vivência da sexualidade, ao comportamento sexual, à saúde, ao risco e tomada de decisão, e aos princípios de respeito, e igualdade de gênero e direitos humanos. Os objetivos foram desenvolvidos de acordo com o livro *“Orientações técnicas de educação em sexualidade para o cenário brasileiro”* da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - (UNESCO, 2013).

A proposta da disciplina Ensino Religioso foi de apresentar o transcendente, tal como é concebido nas mais variadas culturas e tradições religiosas. Discutiu-se então a importância da religiosidade, as características de diferentes religiões, aspectos culturais, e antropológicos. Debateu-se a ligação inerente do indivíduo com o divino, inspirado no livro *Religião e psicologia* (JUNG, 1938).

A escola possui cinco turmas de ensino médio no turno da noite: duas de primeiro ano, uma de segundo e mais duas de terceiro ano. Apesar do elevado número de estudantes matriculados, a frequência é muito baixa, ou seja, após o início do ano letivo, muitos conseguem estágios remunerados e paulatinamente começam a evadir das atividades escolares.

O perfil dos estudantes, no ano do estágio, foi realizado por meio de um questionário, aplicado em todas as turmas, de participação voluntária, e confidencial. Apenas, quarenta e quatro alunos responderam e por meio do instrumento verificou-se que são em sua maioria trabalhadores, com idade média de 21 anos, maior percentual de mulheres, majoritariamente moradores de bairros periféricos e 40% deles referiram morar no Mario Quintana, um dos bairros mais violentos do município de Porto Alegre (GauchaZH, 2018).

O desenvolvimento das atividades pautou-se na pedagogia crítica de Paulo Freire (1996), com base no livro *Pedagogia da Autonomia*, obra centrada na cultura popular, visando a construção de novos conhecimentos. Por não haver uma proposta pedagógica sistematizada, partiu-se do pressuposto de que trabalhar a cultura popular no contexto das

salas de aula, estimulando os estudantes trabalhadores a se aprofundarem na cultura já existente e a produzirem novos conhecimentos.

ABORDAGEM METODOLÓGICA

Este é um estudo descritivo, tipo relato de experiência, cujos dados empíricos se referem ao estágio curricular obrigatório, realizado em escola estadual do ensino médio, a escola Rio Branco, durante o sétimo semestre do curso de Saúde Coletiva.

Para descrição da experiência serão trazidas seis cartas destinadas à escola, realizadas durante o estágio. Considera-se que as cartas, um tipo de escrita denominada epistolar, foram escritas como diário de campo ou como uma troca de mensagens, trazendo os conteúdos que foram trabalhados e a avaliação do processo pedagógico vivenciado.

De acordo com Moraes, 2009, o gênero epistolar pode ser interpretado [...] como “arquivo da criação”, espaço onde se encontram fixadas a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra artística, desde o embrião do projeto até o debate sobre a recepção crítica favorecendo a sua eventual reelaboração. A carta, nesse sentido, ocupa o estatuto de crônica da obra de arte e a epistolografia pode ser vista, principalmente pela crítica genética, enquanto “canteiro de obras” ou “ateliê”, buscando descortinar a trama da invenção, os traços de um ideal estético, quando examina os processos da criação,

[...] Carta e poema traduzem o mesmo evento biográfico. Idêntica ambiência existencial e coincidência vocabular definem não apenas a contemporaneidade das duas manifestações discursivas decorrentes de uma mesma experiência subjetiva, como também a possibilidade de realizar o trânsito entre essas duas formas de expressão, pondo em relevo a eventual “literariedade” da carta.

Então, serão apresentadas as seis cartas enviadas à escola, descrevendo diferentes momentos do estágio incluindo a descrição das atividades didáticas, o impacto nos grupos de estudantes e a avaliação das atividades. Ainda em relação aos grandes temas considerou-se início do processo e construção de vínculo; escolha dos temas e assuntos; o trabalho de oficinas; avaliação do impacto das atividades e; a despedida.

AS CARTAS

Carta-Relatório estágio

Porto Alegre, 21 de junho de 2017

Bom, aqui estou eu, escrevendo para contar como foi a minha experiência no estágio de Promoção e Educação em saúde.

O início foi algo surpreendente. Eu tinha planos de terminar todas as cadeiras que ainda faltavam e depois fazer os estágios. Porém, a professora Stela me enviou um email com uma proposta de estágio, convidando-me para fazer parte.

A ideia inicial da Stela era de fazer uma experiência com um estágio de promoção em saúde dentro de uma escola e com alunos. Seria a primeira, porque não havia tido nenhum estagiário antes. Com base na ideia dela e nas conversas que ela estava mantendo com a escola montei uma proposta do que seriam as aulas, mais propriamente dito, os encontros.

Como eu não abri mão de fazer algumas cadeiras, ficamos combinadas que eu faria o estágio na escola de quarta à sexta, às segundas seriam contabilizadas como período para preparação das aulas e às terças, como eu tinha aula, não contaria para a carga horária.

Comecei o estágio sem ter ideia de como iria ser. A professora Stela me levou até a escola para me apresentar aos professores e ao vice diretor Érico, que foi meu supervisor no estágio.

*Conheci a professora Silvana, que foi quem eu tive mais contato, pois foram os períodos dela que foram oferecidos para realização das atividades. Os períodos eram os de religião e de seminário integrado. Neste dia apresentamos a proposta, que visava desenvolver com as turmas o senso de religiosidade, falar sobre a ligação inerente do indivíduo com o divino, inspirado no livro *Religião e psicologia*, de Jung. Propomos também falar sobre o tema da sexualidade utilizando uma publicação dedicada a educadores brasileiros sobre o tema da sexualidade – denominada “Orientações técnicas de educação em sexualidade para o cenário brasileiro: tópicos e objetivos de aprendizagem”.*

A nossa proposta foi bem aceita pela direção da escola e logo fomos apresentadas aos alunos!!!

Me apresentei aos alunos, expliquei como funcionaria a dinâmica do estágio, quanto iria permanecer com eles na escola. Ao me chamarem de “Sora” (diminutivo para Professora) expliquei que poderiam me chamar apenas pelo meu nome, Alice, uma vez que o curso não formava Professores, apenas o estágio era uma experiência em sala de aula. O primeiro questionamento que recebo após esta explicação, vem precedido de um sonoro: “ - Sora, mas então, me explica melhor, o que a senhora faz aqui?”....

Alice Gil

Carta-Relatório estágio

Porto Alegre, 22 de junho de 2017

Neste dia, 21 de junho, onde fomos apresentados aos alunos, foi possível perceber que nenhum deles ficou interessado na proposta, ainda assim, apresentamos as nossas ideias.

Nos dias seguintes, elaborei um questionário para que os alunos respondessem, a fim de conhecer um pouco o perfil das turmas e as perspectiva de vida deles.

O formulário possuía perguntas que iam desde com quem os alunos até gosto musical, intenção de seguir os estudos, como se percebiam (humor, aparência), dúvidas e sugestões para as aulas e deixei em aberto a possibilidade de que me fizessem algum questionamento.

Entrei nas turmas no período que me foi designado para as atividades e fui passando os formulários, sempre ressaltando a importância que tinha as respostas de cada um, que não havia respostas certas ou erradas, apenas as respostas que trazia a verdade deles. Atentei também para o fato de os formulários serem confidenciais, o que significava que apenas eu e a minha professora teríamos acesso às respostas. A intenção foi de deixar eles livres para que respondessem da forma mais sincera possível.

Nesta tarefa pude perceber que o interesse deles havia aumentado. Acredito que pelo fato de mostrar que queria ouvi-los e dava importância pra isso, acabei por conquistar alguns. E de fato alguns alunos realmente se abriram, mais do que eu esperava! Vários alunos falaram coisas bem sensíveis de suas vidas, como a ausência de parentes, o fato de se acharem tímidos (mesmo os que agiam de forma bem extrovertida). A maioria relatou que consideravam-se “feios”. Descobri também as suas religiões e crenças (achei bem importante conhecer isso, para tentar ao máximo não constranger nenhum deles).

Depois de passar o formulário em todas as turmas, juntei todas as dúvidas e sugestões de temas para os encontros, apresentei para eles e dei a ideia de fazermos uma votação para definir qual seria a ordem dos temas que iríamos trabalhar.

A votação foi bem animada. Os assuntos mais estranhos foram o que obtiveram mais atenção por parte deles. O estranho os deixou muito intrigados! Ao final, definimos que os temas iríamos abordar:

a) Corpo humano

a. Saúde e sexualidade

i. Relacionamentos

1. Conceito de família

ii. Valores, atitudes e habilidades

iii. Cultura, sociedade e direitos humanos

iv. Desenvolvimento humano

v. Comportamento sexual

vi. Saúde sexual e reprodutiva

b. Nutrição

i. Tipos de alimentação/dieta

ii. Benefícios da boa alimentação

iii. Consequências da má alimentação

iv. Distúrbios alimentares

c. Saúde mental

i. Transtornos mentais

ii. Drogas

b) Respeito ao próximo

- a. Importância dos princípios de tolerância, respeito e solidariedade nas relações humanas
- b. Representatividade

- c) Música - benefícios para a saúde**
 - a. Arteterapia

- d) Problemas da sociedade**
 - a. Violência e criminalidade
 - b. Problemas ambientais
 - c. Individualismo
 - d. Governo política
 - e. Crise no estado

Alice Gil

Carta-Relatório estágio

Porto Alegre, 23 de junho de 2017

Com o passar dos dias, descobri que eu daria aula apenas para 3 turmas: 2 do primeiro ano e 1 do segundo. As turmas do terceiro não se encaixavam no meu horário ou estavam em um dia onde os alunos, em sua maioria, não iam.

Resolvi preparar as mesmas aulas para as três turmas. O material era desenvolvido para duas aulas para cada turma na semana.

Na primeira aula após a escolha dos assuntos trabalhei com as turmas o tema "Saúde x Doença". Questionei-os sobre o que entendiam ser saúde e doença. Levei o conceito de saúde desenvolvido pela OMS em 1948, após mostrei a fala do Sérgio Arouca na 8ª Conferência Nacional de Saúde, interrogando-os sobre qual das duas acreditavam

ser a mais correta. Ficou então entendido que a fala do Arouca era mais pertinente, uma vez que o conceito de saúde é muito mais amplo do que apenas não estar doente. Falamos também sobre a linha tênue que diferencia o que é saudável do que não o é. Os alunos então começaram a citar exemplos do que ao mesmo tempo era saudável e doentio. A aula foi muito proveitosa nas três turmas, com grande participação dos alunos.

Expliquei também do que se tratava o meu estágio, contando que era sobre uma UPP do eixo de promoção e educação em saúde, falando sobre os conceitos de promoção e prevenção. Sugeri à eles que o tema do nosso Seminário fosse de Promoção e Educação em Saúde. Todos acharam muito interessante e concordaram. Sendo assim, a partir desse momento passamos a utilizar esse nome para as aulas.

Nas aulas seguintes passamos a adotar os temas daquela lista que havíamos escolhido. O primeiro tema foi Corpo Humano. Não quis fazer uma aula de biologia, então trouxe para eles algumas questões, questionando-os se as experiências do corpo eram iguais em todas as culturas. O que eles, a princípio acharam que era igual, gradualmente, durante a aula, fomos vendo que se alterava. Abordei questões culturais que influenciam nas experiências sensoriais. Ao final, pedi que respondessem uma questão sobre a influência das diferenças biológicas como justificativa para delimitar ações em homens e mulheres.

Na terceira aula, falamos sobre Saúde e Sexualidade. Novamente, para evitar entrar na questão biológica, falamos sobre as questões históricas e sociais, envolvendo crenças, comportamentos, relações e práticas que permitem a homens e mulheres viverem, de determinados modos, seus desejos e seus prazeres corporais. Falamos também sobre os Direitos Sexuais presentes na Declaração de 1997, de Valência, Espanha.

A professora Stela articulou com a Escola uma visita ao Laboratório De Práticas De Escola de Enfermagem (EENF) da UFRGS. Realizamos duas visitas, a primeira somente com os alunos do primeiro ano e a segunda visita com os alunos do segundo e terceiro anos. Nas duas visitas fomos acompanhados por duas enfermeiras que mostraram o local que tem como finalidade proporcionar um ambiente simulado para os procedimentos de enfermagem. Os alunos ficaram muito curiosos e animados com a atividade. Após, fomos ao auditório da EENF onde fiz uma apresentação das diversas formas de ingresso no nível superior (vestibular, ENEM, PROUNI, FIES, SISU), dos benefícios que a universidade oferece aos estudantes e passei uma listagem dos cursinhos pré vestibular populares que estão à disposição. Acompanhei os alunos na saída do campus

da saúde. Durante o trajeto mostrei a universidade à eles, a estrutura do campus e alguns dos serviços que são oferecidos à comunidade.

O saldo das duas visitas foi muito positivo! Muitos alunos disseram não possuir nenhum dos conhecimentos dos quais foram apresentados, acreditando que entrar na universidade fosse inatingível e portanto, algo que jamais iriam tentar. Fiquei surpresa com o real interesse de vários em tentar o vestibular e com uma aluna em especial que disse que irá fazer o vestibular para Saúde Coletiva.

Aproveitamos o momento das Olimpíadas e discutimos, na quarta aula o tema Corpos Generificados, com base no artigo “Jogos Olímpicos: a generificação de corpos performantes”. Debates sobre a diferença numérica entre homens e mulheres e entre as modalidades disputadas para cada sexo. Falamos também sobre o controle sobre os corpos e performances de mulheres que se afastam de uma representação normalizada de feminilidade e cuja permanência nas competições é autorizada, desde que seja comprovada a autenticidade de seu sexo. O que a princípio me pareceu um tema muito interessante e de fácil utilização dentro da sala de aula, acabou por ser um dos dias mais difíceis. Os alunos desconhecem o conceito de gênero, o que dificultou a compreensão do texto. Foi necessário explicar brevemente o que é gênero. Essa aula foi muito cansativa e acredito que por ter sido uma aula bem pesada, muitos alunos dispersaram, não quiseram participar. Após esta aula, encerrou-se o trimestre e no último momento fui informada de que eu deveria dar a nota do trimestre para os alunos. Com a ajuda da Reni, supervisora do turno da noite, consegui avaliar os alunos.

Até então, em diversos momentos, durante as aulas, busquei deixar claro aos alunos a importância da participação deles, que o debate estava aberto e que acima de tudo, a opinião deles era de extrema importância. Porém, até o momento, em todas as aulas os alunos me questionaram se era importante fazer anotações no caderno. Queria saber se as questões que eu fazia para eles valeriam ponto, se seriam contabilizadas como trabalhos com nota. Como na aula sobre gênero houve uma grande perturbação em aula e tive a impressão de que eles ainda não haviam compreendido o modelo de aula que eu pretendia desenvolver com eles, fugi do tema da listagem e decidi falar sobre Educação libertadora.

Então, na quinta aula, eu levei como tema Educação popular e pedagogia educadora. Expus à eles o conceito de educação bancária, de educação libertadora, falamos sobre quem foi Paulo Freire e o seu legado para a educação. Fiz com que eles

refletissem sobre qual o modelo de aula eles mais gostavam, uma vez que todos sempre reclamavam das aulas dos professores da escola, que passavam conteúdos e mais conteúdos, faziam com que eles copiassem textos de livros, sem que houvesse uma discussão. Chegamos a conclusão de que a aula que estava sendo proposta encaixa-se naquele conceito que eles acharam muito melhor, a educação libertadora. Porém, para que pudéssemos fazer com que as aulas corressem de uma forma melhor, era extremamente necessário que eles participassem, que trouxessem as suas ideias, sem importar-se se estavam certos ou errados, que o conteúdo ali tratado não deveria ser passado para uma folha, e sim que eles se concentrassem em absorver da forma mais oportuna. Levei também uma imagem do Paulo Freire, com a frase “Não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes.” Deixei ela colada no quadro, para que todos lembrassem do que conversamos.

Alice Gil

Carta-Relatório estágio

Porto Alegre, 30 de junho de 2017

Dando continuidade ao encontro anterior, levei o texto “A canoa”, de Paulo Freire. Mesmo com muita relutância dos alunos, após insistir bastante, fizemos uma roda. Falamos sobre mensagem de "igualdade" entre os diferentes saberes, sobre a importância de cada um quando inseridos no seu próprio contexto e que é necessário valorizar todas as pessoas pelas diferentes vivências de cada um, pois cada uma delas nos pode ensinar algo diferente. Levei o conceito de Habilidades, considerada a capacidade do indivíduo de realizar algo, como classificar, montar, calcular, ler, observar e interpretar. Ao fim, pedi que cada um deles falasse sobre as suas habilidades pessoais. Todos falaram algo que julgavam fazer melhor. Teve aluna que falou que tocava cítara, outra se orgulhava de ter 16 anos e saber fazer pães, uma aluna contou que sabia fazer arroz.

A aula que começou com todos relutantes em aproximar-se para fazer a roda, ler o texto proposto e falar um pouco de si próprios, acabou com todos demonstrando estarem muito contentes por terem participado do momento.

Carta-Relatório estágio

Porto Alegre, 03 de julho de 2017

Neste mesmo dia, outros alunos também falaram sobre as suas habilidades. Descobri que uma aluna fazia flores de EVA para decorar o altar da igreja que ela participava. Os alunos divertiram-se falando sobre as suas habilidades pessoais e também por conhecerem um pouco aos outros. Na aula seguinte dando seguimento ao tema habilidades, falei sobre Conhecimento e trouxe alguns tipos existentes, como o Conhecimento Sensorial/sensível, o Conhecimento Religioso/teológico e o Vulgar/popular. Após, falei brevemente sobre a Teoria das Inteligências Múltiplas. Combinamos de realizar o teste para avaliar quais inteligências cada um possuía na aula seguinte.

Antes da aula na qual faríamos o questionário das Inteligências múltiplas assistimos a uma aula realizada pelos alunos do segundo semestre da Saúde Coletiva/UFRGS, da Unidade de Produção Pedagógica (UPP) de Vigilância à Saúde, sobre Doenças Transmissíveis. A atividade durou mais tempo que o previsto, pois os alunos se interessaram pelo assunto, principalmente no que diz respeito à Doenças Sexualmente Transmissíveis. Houve um segundo momento para que eles pudessem tirar as dúvidas restantes.

Na segunda semana de outubro iniciamos o preenchimento do questionário para avaliação das Inteligências. Todos estavam muito curiosos para saber o resultado. Como muitos alunos perdem os materiais que são passados, levei todos os formulários para casa. Assim, levamos duas aulas preenchendo tudo. Depois apresentei os resultados dos testes individuais, conversamos sobre cada inteligência e as suas características. Considero que essa aula foi muito importante para a autoestima deles, pois muitos que se diziam “burros” puderam perceber as inteligências que cada um tinha. Quando mostrei as características de pessoas que possuem as inteligências, eles imediatamente identificaram-se e foi possível ver a felicidade deles ao constatarem que são todos inteligentes, mostrando que muitas vezes as suas dificuldades dentro de uma sala de aula deve-se ao fato de não haverem

condições materiais para adquirir conhecimento da forma ali apresentada.

Alice Gil

Carta-Relatório estágio

Porto Alegre, 03 de julho de 2017

Levei uma atividade em que pedi que todos pegassem papéis com as características das primeiras três inteligências que tiraram no teste. Após, eu pedi para que dissessem se se identificavam com elas. Na sua maioria os alunos se acharam parecidos com elas. Apesar da atividade ter sido um pouco confusa, por problemas na elaboração, todos se divertiram. Uma aluna chegou a pedir para que fossem feitas novas atividades do gênero.

Na semana seguinte, considerei fazer uma atividade onde chamei de Esperança Ativa, baseada em um vídeo do Mário Sérgio Cortella, na qual iríamos assistir um vídeo com uma entrevista onde ele traz essa expressão e fala sobre o tema, onde ele dizia: “É preciso ter esperança. Mas tem de ser esperança do verbo esperar. Esperançar é ir atrás, é se juntar, não desistir. É ser capaz de recusar aquilo que apodrece a nossa capacidade de integridade e a nossa fé ativa nas obras. Esperança é a capacidade de olhar e reagir àquilo que parece não ter saída. Por isso é muito diferente de esperar, temos mesmo é de esperançar!”, porém como o vídeo não funcionou apenas conversamos sobre o assunto. Após, eu pedi para que cada um deles, com base na frase do Chico Xavier, onde diz "Embora ninguém possa voltar atrás e fazer um novo começo, qualquer um pode começar agora e fazer um novo fim." eles escrevessem para onde gostariam de ir, o que queriam fazer e qual o caminho deveriam percorrer para isso, usando como auxílio as inteligências pessoais.

Muitos não souberam o que dizer, falaram coisas genéricas como, estudar e trabalhar. Alguns especificaram os cursos que almejam fazer (em geral os mais jovens). Uma aluna de 20 anos tinha o plano de casar, enquanto outra, na faixa dos 40 anos almejava ser uma boa cristã para poder viver na eternidade ao lado de Deus. Foi um trabalho interessante, pois, apesar de muitos deles escreverem qualquer coisa, apenas para

entregar a atividade, vi que muitos realmente pensaram sobre o que desejavam fazer e como iriam fazer para conseguir. O encontro em si não foi muito bom, devido aos problemas que tive com o vídeo e também por alguns deles não conseguirem compreender a atividade ou por acharem que era algo besta e por isso não darem importância às respostas dadas...

Devido ao fato de que vários alunos ainda não compreendessem a necessidade da participação nas atividades, levei um texto chamado “Participação”, de Marcos José Alves da Silva, extraído do material de um curso EJA. A máxima do texto dizia “Participar, é acima de tudo, acreditar”. Fizemos uma leitura coletiva do texto, e perguntas de interpretação do texto, para fazer com que eles assimilassem o conteúdo do texto. Depois, em duplas, pedi que eles respondessem essas e outras questões, sobre quais palavras possuíam maior sentido para eles e como eles faziam para buscar o significado de palavras desconhecidas. Neste dia, também trabalhamos com uso do dicionário para pesquisar alguns termos. As palavras escolhidas tinham como objetivo fazê-los expandir o vocabulário e que eles tivessem contato com novos termos. Falamos também sobre “dignidade, ética e igualdade” construídas através da participação.

Com a proximidade da Semana da Consciência Negra aproximando-se, a Coordenadora Reni, pediu que fosse introduzido o tema em sala de aula. Preparei um material com o histórico do dia, sobre a luta da população negra e a importância de celebrarmos a sua cultura e não deixarmos cair no esquecimento. Passei um trabalho para eles, pedindo que dissessem uma figura pública negra que eles admirassem e o motivo para isso. Na semana do dia 20 a escola organizou apresentações todas as noites sobre a cultura negra e também a exibição do filme dos Panteras Negras. As palestras foram ótimas.

Como a atividade sobre participação havia sido muito boa, decidi realizar uma que fosse semelhante. Preparei dois textos que falavam sobre “Ponto de vista”. Um deles é do Leonardo Boff, chamado “Todo ponto de vista é à vista de um ponto”, onde acentuei a frase “A cabeça pensa a partir de onde os pés pisam”, para que sempre venham a se perguntar a fim de que venham a pensar politicamente sobre os seus representantes, para que busquem conhecer suas origens para assim saber se essa pessoa consegue compreender quais são os problemas que eles enfrentam no dia-a-dia. Coincidentemente, apareceu um aluno fazendo campanha sobre a eleição do Grêmio Estudantil da escola. Um rapaz que estudava durante o dia, que era visivelmente mais novo que a maioria dos alunos com quem eu estava naquele momento, que estudava de dia e se dispunha a passar o dia

inteiro dentro da escola para resolver questões do Grêmio. Vi que muitos dos alunos se interessaram pela proposta dele. Quando o rapaz saiu, eu perguntei se eles sabiam quem ele era. Com exceção de um, que disse que “não gostava do rapaz” o restante não fazia ideia de quem ele era. Então eu atentei para alguns fatores: as aulas nos dois turnos eram completamente diferentes. Outra coisa, ele ficava o dia todo na escola, o que nos fez supor que ele não trabalhava, realidade muito diferente da maioria dos alunos que estudam a noite e estavam ali na sala. Apesar das risadas que demos, e de todas serem apenas suposições, examinamos essas e outras coisas, e então pude perceber que eles conseguiram ver na prática a aplicação do conteúdo que estávamos falando. A aparição do rapaz foi muito oportuna para a nossa aula!

Ainda dentro do tema “ponto de vista”, levei no encontro seguinte um texto que foi extraído da coluna do Juremir Machado, chamado “O ponto de vista de um boi”. Ele fala que “Toda história tem um ponto de vista. Depende de quem a narra.”. O texto fala sobre um livro recentemente lançado que traz a história de uma fazenda onde vários narradores produziram um relato diferente, singular, mas cada um falando do seu ponto de vista da mesma história. Conversamos como então duas pessoas, que estão em posições diferentes enxergariam a mesma situação. Esta foi a última aula antes de eu ficar duas semanas afastada devido a uma cirurgia para remover as amígdalas.

Informei a direção que eu teria que fazer a cirurgia e por isso ficar afastada do estágio. Para esse período deixei prontas 4 aulas, para que a professora que ministrava a aula passasse para os alunos. Quando voltei soube que as aulas não foram passadas para eles pois a escola estava se encaminhando para o encerramento das aulas, realizando provas, trabalhos de conclusão do trimestre e recuperação. Como o momento era de encerramento, auxiliei aos professores a concluir o encerramento das matérias que eu estava trabalhando.

No dia 16 de dezembro os alunos da turma 109 fizeram uma festa de despedida e fui convidada por eles para participar. Havia doces, salgados, refri. Os professores ganharam um cartão assinados por todos os alunos (eu ganhei também!). Foi muito bom ver eles esse dia e poder fazer um encerramento formal dos nossos encontros. O último momento foi muito difícil, pois quando fomos nos despedir eles pensavam que nos veríamos em março do próximo ano letivo. Então eu falei que o meu estágio acabava ali e agradei por terem me recebido tão bem e me permitido aprender a respeitá-los, ao exercício de ouvir os outros e pelos dias que tivemos. Eu não me contive e comecei a chorar e os alunos também,

enquanto eu ia abraçando um a um.

Essa foi uma das experiências mais gratificantes e intensas que já vivenciei. Me esforcei ao máximo para conseguir passar para eles os conteúdos que havíamos previsto no início do estágio, porém conforme foram passando os dias, fui adaptando as aulas para coisas que estavam acontecendo no momento. Foram dias muito difíceis e cansativos, mas que valeram a pena ter passado e que me deixam muita saudade.

Considero que a minha inserção foi ótima! Me dei bem com todos os alunos, com a supervisão, direção e professores. O aluno estagiário de Saúde coletiva possui um amplo campo de trabalho dentro de uma escola, mais especificamente, dentro de uma sala de aula. Obviamente, como não aprendemos sobre didática e nem o curso nos prepara para dar aulas, foi complicado encontrar uma forma de como me preparar para os encontros. Dessa forma, fui construindo os encontros conforme íamos nos aproximando mais, e iam surgindo as demandas dos alunos, da escola e daquilo que eu considerava importante trabalharmos.

Ao final, os professores pediram que o curso de Saúde Coletiva permanecesse na escola e que se fosse possível, fossem abertas mais vagas para outros alunos também participassem. Sou muito grata por ter passado por essa experiência.

Alice da Fontoura Gil

CONCLUSÃO

Dentre as múltiplas vivências, trocas, desafios e aprendizagens que o estágio proporcionou, foi possível perceber que aluno estagiário de Saúde coletiva possui um amplo campo de atuação dentro de uma escola e, mais especificamente, dentro de uma sala de aula. Devido ao fato de que o Bacharelado de Saúde Coletiva não considera a docência como um de seus objetivos finais, não há formação pedagógica específica e nem preparação didática para a realização de aulas. Dessa maneira, a estagiária enfrentou o desafio de pesquisar e, a cada encontro, preparar a aula do modo que lhe parecia mais produtivo e que pudesse interessá-los. Fica como sugestão a inclusão de uma disciplina do campo da pedagogia na grade curricular do Curso, o que seria muito produtiva para o Bacharel em Saúde Coletiva.

Partindo da ideia de que a aprendizagem ocorre através da relação com o outro, é importante pensar sobre o papel que o sanitarista enquanto educador assume em sala de aula. Considerando o processo ensino-aprendizagem e a importância da aquisição de um conhecimento crítico, útil e situado, a atuação do educador da área da saúde pode ser pensada como a de um indivíduo mais experiente que auxilia o educando na libertação de sua consciência, tornando-o um sujeito crítico e reflexivo capaz de transformar sua realidade e inserir-se na sociedade de forma mais efetiva.

REFERÊNCIAS

- AROUCA AS. Democracia é saúde. In: CONFERÊNCIA NACIONAL DE SAÚDE, 8., 1986, Brasília. Anais... Brasília: Centro de Documentação do Ministério da Saúde, 1987a. p. 35-42.
- BARROS, JVS. **Saúde coletiva na Educação Física escolar: ampliando as possibilidades de tratar a saúde dentro da escola.** In: IX SEMANA DA EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFS, 2012, São Cristóvão/SE. Anais..., 9, Universidade Federal de Sergipe/UFS, 10 a 13 abril 2012. Acesso em: 12/07/2017.
- BOFF L. **A águia e a galinha : uma metáfora da condição humana.** 9. ed. Petrópolis : Vozes, 1998. 206 p. : il.
- CORTELLA MS. Esperança Ativa. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AAwU9ynCDVc>>. Acesso em: 15 dez 2016.
- FERLA AA, ROCHA CF (orgs.) **Inovações na formação de sanitaristas.** - Porto Alegre: Editora Rede Unida, 2013.
- FREIRE P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GAUCHAZH (Porto Alegre). **Cinco bairros concentram mais de um terço dos assassinatos de Porto Alegre em sete anos.** GAUCHA ZH, [s. l.], 7 mar. 2018. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2018/03/cinco-bairros-concentram-mais-de-um-terco-dos-assassinatos-de-porto-alegre-em-sete-anos-cjehe8qep00zx01r4iug2ag1p.html>. Acesso em: 10 maio 2020.
- GOELLNER SV. **Jogos olímpicos: a generificação de corpos performantes.** Revista USP, 108, 29-38, 2016.
- JUNG CG. **Psicologia e religião.** Petrópolis : Vozes, 1978.
- LUZ MT. **Novos Saberes e Práticas em Saúde Coletiva: Estudos sobre racionalidades médicas e atividades corporais.** 3o Edição, São Paulo: Hucitec, 2007.
- SILVA JM. **O ponto de vista de um boi.** Correio do Povo. Disponível em: <<http://www.correiodopovo.com.br/blogs/juremirmachado/2016/10/9200/o-ponto-de-vista-de-um-boi/>>. Acesso em: 15 jan. 2017.
- PANTERAS NEGRAS, [Filme]. (1995) M. Van Peebles (Diretor). Gramercy & PolyGram Films.
- SILVA JLL. **Educação em saúde e promoção da saúde...**, Informe-se em promoção da saúde, n.1.p.03. jul-dez. 2005. Disponível em: Acessado em: 12 jul. 2017.
- UNESCO. **Orientações técnicas de educação em sexualidade para o cenário brasileiro.** Brasília: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - (UNESCO), 2013.